

Cine "Di-Glauber", a morte do Pintor

"Filmar meu amigo Di morto é um ato de Huor Modernista-Surrealista que se permite entre artistas renascentes: Fenix/Di nunca morreu. No caso, o filme é uma celebração que liberta o morto de sua hipócrita trágica condição. Meu filme, cujo título, dado por Alex Viary, é "DI GLAUBER", expõe duas fases do ritual: o Velório, no Museu de Arte Moderna e o Sepultamento no Cemitério São João Batista. E assim que sepultamos nossos mortos". Essa é a abertura de um texto de Gláuber Rocha, distribuído há um mês e meio no MAM do Rio, quando foi exibido seu documentário sobre os funerais de Di Cavalcanti: "Ninguém assistiu ao Formidável Enterro de sua Última Quimera, somente a ingratitude. Essa Pantera, que foi sua companheira Inseparável" (extraído de um poema de Augusto dos Anjos), o mais longo título já dado a um filme nacional. Sua exibição será hoje, às 20h30, no Teatro Aliança Francesa (rua General Jardim, 182), dentro do Ciclo Coleção de Cinema, promovido pela Difusão a propósito do lançamento de três livros de cinema: "Brasil em Tempo de Cinema", de Jean Claude Bernardet, "Cinema e Política" e "Glauber Rocha", de diversos autores.

Fotografado por Mário Carneiro, com 17 minutos de duração, o documentário provocou reações estapafúrdias no Rio. O público riu muito, pois Gláuber Rocha fez um trabalho de alquimia, substituindo a marcha fúnebre por uma música carnavalesca como "O Teu Cabelo Não Nega", de Lamartine Babo, mostrando o ator Joel Barcelos paquerando, em pleno Cemitério de São João Batista, a chorosa Maria Montini. Carlos Heitor Cony ficou perplexo, depois de ver o filme: "Olha, Gláuber, você pode filmar qualquer coisa que eu já sei se é uma obra-prima ou um abacaxi". E os escritores Antônio Callado e Darcy Ribeiro pediram nova exibição.

Numa sequência do filme, intitulada "O Reino dos Espelhos", Glauber mostra seus colegas Cacá Diegues, Miguel Farias Jr. e Roberto Pires segurando exemplares dos livros "Reflexos do Baile", de Antônio Callado e "Maira", de Darcy Ribeiro. Ele filmou em seu próprio apartamento, em Ipanema, em frente a um espelho, mostrando também recortes de jornais noticiando a morte do ex-presidente Juscelino Kubitschek e João Goulart, do teatrólogo Paulo Pontes e de Regina Rosemburgo Leclery — "junto com Di, cinco mortos célebres", diz o cineasta.

O texto de Gláuber sobre Di fala das mortes que existem em todos os seus filmes: "Coexistimos com a morte". Ele não admite a morte de Di: "O homem só morre quando encerra o ciclo histórico e admite esse encerramento. Eu liguei para o Carlos Drummond de Andrade, que



era amigo dele, pedindo uma providência. Eu falei: Di está vivo, foi uma safardagem enterrá-lo. Deviam ter esperado dois dias, fazer um ritual, levar pra macumba, escola de samba, botar pra quebrar. Quando filmei o velório, vi que ele não estava morto — estava rindo. Eu queria tirar ele do caixão. E quase telefonei para alguns jornais denunciando que após revelar o filme eu tinha visto que ele estava vivo". Com efeito, Di mantinha um meio-sorriso dentro do caixão, segundo outras fontes.

Gláuber vai ainda mais longe e identifica o cinema brasileiro com Di: "O cinema brasileiro não morreu, está vivo com Di". E para quem quiser continuar discutindo alma do

filme, por mais abrangente que ele seja, as últimas notícias são terríveis: o cinema brasileiro está sofrendo perdas irreparáveis nos últimos meses. A própria irmã de Gláuber Rocha, Anecy Rocha, morreu tragicamente há cerca de um mês; o ator Hugo Bidet suicidou-se há alguns dias; e, ainda no último domingo, faleceu o ator Antero de Oliveira.

O documentário sobre a morte de Di Cavalcanti é o primeiro trabalho que Gláuber Rocha realiza depois de voltar ao Brasil. Ele começou a filmar usando pedaços de negativo e uma câmera emprestada por seu amigo Nelson Ferreira dos Santos.

Jairo Ferreira

GR-DI.02/006.04